



16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021


O CORPO COMO TEXTURA PARA A JOIA

Vieira, Gina Rocha Reis; Mestra; Universidade Federal da Bahia, gcarr@gmail.com¹

RESUMO

A proposta reflexiva evidencia os elos entre o corpo e as joias a partir da dimensão sensível desses adornos potentes à *composição da aparência* (CIDREIRA, 2013) no contexto da experiência. A perspectiva compreensiva se desenvolve através dos pensamentos de Maurice Merleau-Ponty, em *Fenomenologia da percepção* (2018), em que se apreende a extensão do sensível enquanto percepção do mundo, de si mesmo e do outro. Seria a aderência do percebido a seu contexto o caminho para o entendimento dos modos de afetividades partilhadas. O corpo, assim, não seria uma estrutura passiva, já que compõe um sistema de experiências através do qual acessamos o mundo, as coisas e os sujeitos. Corpo como meio das experiências que não são estáveis, enquanto “ponto de vista sobre o mundo” (MERLEAU-PONTY, p. 108). Nossa percepção chega, então, aos objetos que, uma vez constituídos, participam das experiências que deles tivemos ou que deles poderíamos ter. O objeto é visto a partir dos tempos e dos contextos culturais sempre inacabado, aberto e em devir. As joias, adornos máximos à irradiação da personalidade (SIMMEL, 2014), compõem as modelagens simbólicas frequentes nas sociedades humanas, como destaca David Le Breton, em *A sociologia do corpo* (2007, p. 59). O uso das joias funciona como marcadores corporais que exercem funções diversas em diferentes contextos e sociedades; instrumentos de sedução nos processos constitutivos de aparência por afiliação ou separação. Tais marcas corporais “humanizam o homem, colocando-o socialmente no mundo, como ocorre com os Basfia da África Ocidental que afirmam não poder distinguir-se dos animais da selva sem suas escarificações” (LE

¹ Doutoranda no Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade (Pós-Cultura) da Universidade Federal da Bahia (UFBA); Mestra em Cultura e Sociedade também pelo Pós-Cultura da Universidade Federal da Bahia; professora substituta na Faculdade de Comunicação da UFBA; e pesquisadora do Grupo Corpo e Cultura (UFBA e UFRB), cadastrado no CNPQ.





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE

DE 09/09 A 13/10 DE 2021

BRETON, 2007, p. 60). O corpo se apresenta como textura íntima para a joia, objeto sociocultural que transfigura sentidos no interior do mundo cultural à configuração de si. Renata Pitombo Cidreira, em *Os sentidos da moda* (2005, p. 108-109), realça a aparência corporal mediatizada pelo social e suas estruturas em diversos níveis, dentre eles, as tentativas de controle, interpretações, os ciclos da moda e o enraizamento sociocultural. Todos agem como um ato de afirmação à *composição da aparência* por meio da estilização, uma maneira de singularizar o indivíduo em uma forma expressiva (CIDREIRA 2005). As joias reivindicam, assim, seu lugar de afetação a essa “escultura de si”, revelando a dinâmica dos sentidos ao longo da história do homem e do corpo. Para Ana Paula de Campos, em *Arte-joalheria: uma cartografia pessoal* (2011), o corpo como lugar da joia desvela seu caráter nômade. Com o corpo, a joia constitui uma experiência de interação, exigindo do sujeito uma reação imediata, adaptação gestual, contenção de movimento, conformando uma relação íntima (DE CAMPOS, 2011, p. 64). Essa intimidade põe em evidência o efeito da joia à exibição dos sujeitos sob o olhar do outro, tendo o corpo, para além de seu caráter físico, como uma metáfora leal de si mesmo.

Palavras-chave: corpo; joia; aparência.

